

## A HERESIA

WALDEN CARVALHO

— pois é o que eu tô lhe dizeno, zé da crioula. aquilo ali num é de deus. tem parte com o diabo. pois num é que o aristide falô que ia lá tirá a cisma e se estrepô, home...! e o aristide é home macho que ocê tá aí de prova. cumé que num ficô o cabocro. tantázinho! pois é o que eu lhe disse, zé. ocê num deve se metê nessa coisa esquisita. eu sô home véio, tratado na lenha, que todo mundo tá aí de prova e num vô arrumá increnca pro riba da cacunda. óia o quê que eu tô falando. pensa mais de déis veis inhantes de pô o pé naquela casa. o sô cizeno, esturdia...

— sô joaquim, sô joaquim, o sior sabe muito bem que eu sô um home sério e de respeito, criado na relijão de deus, nosso sior jesus cristo, e nunca permití, pér de mim umas heresia dessas. zé da crioula parou um pouco e ficou olhando o velho joaquim. queria sentir o efeito daquela palavra: here-sia. o velho piscava o ôlho furado inquieto. coçou o nariz enorme naquele silêncio. o velho joaquim, por um momento, chegou a pensar que realmente, a coisa estava ficando muito séria. era bem capaz de ser alguma coisa como uma heresia. alguém, mais dia, menos dia, ia acabar entrando na casa do finado coronel rodrigues. mas porque é que tinha de ser justamente aquêlê rapaz que êle tinha visto nascer, ajudara a criar dentro das leis de um homem honrado e corajoso. desde que o pai morreu, aquêlê menino tinha ficado sob sua responsabilidade, e exatamente quando lhe nascia o terceiro filho

é que se aventuraria a entrar na casa mal assombrada do coronel.

— pois é o que eu tô lhe dizeno. . . — ia voltar o seu joaquim.  
— sô joaquim, eu arrespeito muito o sior, mas já tá dicidido. ô eu entro, ô intão vô carregá pru resto da vida êsse arrependimento de num tê intrado lá. muita gente confia ni mim e eu num vô ficá cum mêdo agora. vão tocando' pra lá.

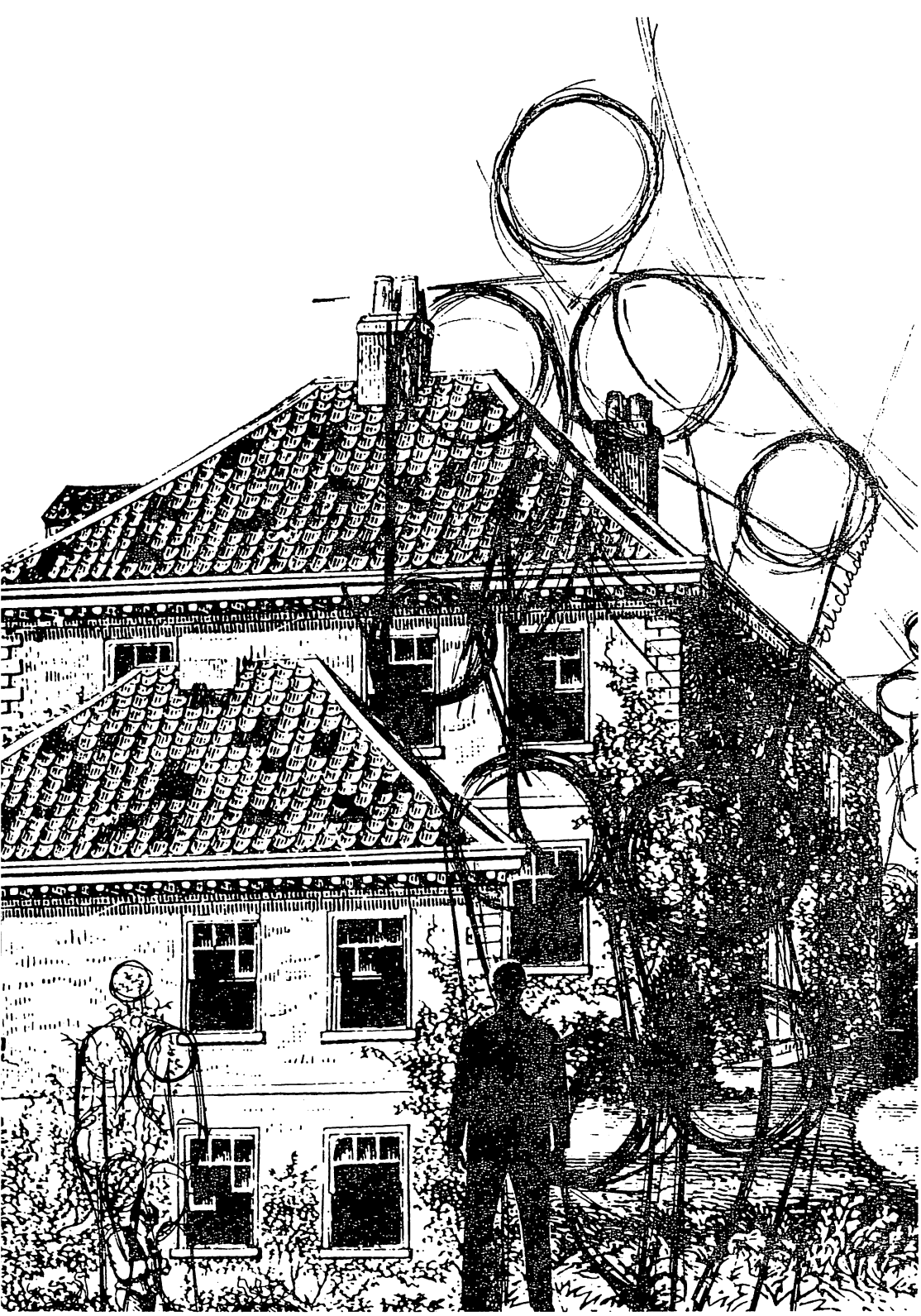
o velho joaquim amassou o cigarro, jogou a um canto do passeio e seguiu ao lado de zé da crioula. estava fazendo um pouquinho de frio naquele fim de julho. o vento levantava poeira na pracinha. os dois andavam em silêncio. não havia mais nada a dizer. o velho sabia que, se fôsse mais môgo, seria êle a pessoa a entrar na casa. ninguém dêsse mundo o faria desistir. no fundo, estava até um pouco alegre com zé da crioula. isso mostrava que êle tinha aprendido tôda a lição que êle tinha lhe dado. quis perguntar sôbre rosinha. como ia a criança, se êles já tinham pensado no nome. mas não achou jeito de falar nada. a lua estava grande no céu.

— óia, já tem gente! — disse zé da crioula, meio satisfeito. hoje ia mostrar pra todo aquêlo povo o quanto êle valia. todos os valentes tinham saído com mêdo do casarão. tinham ouvido barulho de correntes, sombras do coronel rodrigues, a casa tremendo como se fôsse cair. mas acontece que nenhum dêles acreditava nas coisas de deus. eram todos uns hereges. chegaram. algumas pessoas cercaram zé da crioula.

— zé, se eu fôsse ocê eu num ia. ó que tem gente jurano que a casa cai antes da primeira chuva.

— pois é senhor josé — era o padre tomás que recomendava, batendo no ombro dêle — pôr que que o senhor vai se arriscar tanto por uma coisa à toa, a casa está caindo mesmo. o senhor não acredita nessas coisas de fantasma, não é senhor josé?  
— é sim sior, seu padre — respondeu meio sem jeito zé da crioula. gozado, sempre ficava sem jeito perto do padre. chegava a gaguejar algumas vêzes.

— pois então, senhor josé. o senhor entra lá, não acontece nada. quando o senhor sair, vão todos falar que os fantasmas



não apareceram por causa da quantidade de gente que estava aqui fora. então, vai adiantar alguma coisa? o senhor vai só se arriscar. a casa está muito velha, pode cair a qualquer momento...

— zé!!! — era a voz de rosinha que aparecia na praça. o povo se afastou para lhe dar passagem. estava pálida e o suor lhe escorria pelo rosto. — ocê vai fazê uma bobagem dessas porque zé? pá prová que ocê é macho, é? pra todo mundo daqui saí dizem que ocê é o único home da cidade, zé?

— ocê num divia saí da cama, rosinha. ocê tá de resguardo, muié. isso fais má e eu cansei de te falá. — estava começando a ficar zangado com ela. mulher só serve pra essas coisas. atrapalham tudo. bem na horinha... — eu sei o quê que eu tô fazeno, num me apurrinha.

era a primeira vez que êle falava assim com ela. ela ficou olhando sem dizer nada. depois explicava tudo pra ela e ia acabar tudo bem, tinha certeza disso.

— mais zé...

— tô ducidido, pronto! já vô! seu joaquim, segura rosinha. seu joaquim pegou no braço dela com fôrça.

— num adianta rosinha, o home já falô qui vai, é mió dexá.

— e se isso caí em cima docê, zé?

— num tem pirigo não, rosinha. isso num vai caí justo na hora que eu tivé lá dentro... — já estava descendo pelo antigo jardim da casa do coronel rodrigues. era um sobrado já quase todo sem rebôco. em cima estava faltando um punhado de telhas, as crianças se divertiam jogando pedras em cima da casa. só pra ouvir o barulho das telhas se quebrando.

— senhor josé, acho que o senhor não devia... — era o padre que também segurava o outro braço de rosinha.

zé da crioula já havia entrado. não ouviu o que o padre tinha dito. de qualquer forma, não ia fazer com que êle voltasse dali. rosinha ficou olhando. um silêncio enorme cercou todo mundo lá fora. a casa, o jardim. o vento fazia redemoinhos na pracinha e a lua boiava como um morto no céu...